

## **PIBID E O ENSINO DE ARTE NA INFÂNCIA: POSSIBILIDADES DE RECONHECIMENTO E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES**

AMANDÚ JOSÉ VITOR REIS DA SILVA<sup>1</sup>; PÂMELA RODRIGUES RESENDE<sup>2</sup>;  
GUILHERME MONTEIRO DA SILVA<sup>3</sup>; BRUNO MACHADO BARCELLOS<sup>4</sup>;  
NAUITA MARTINS MEIRELES<sup>5</sup>;

LISLAINE SIRSI CANSI<sup>6</sup>:

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – contatoamandu@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – rodriguesresendepamela@gmail.com

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – gothgui23@gmail.com

<sup>4</sup>Universidade Federal de Pelotas – barcellosbruno13@outlook.com

<sup>5</sup>Escola Municipal de Ensino Fundamental Olavo Bilac – nauita.martins@gmail.com

<sup>6</sup>Universidade Federal de Pelotas – lislainec.art@gmail.com

### **1. INTRODUÇÃO**

O presente trabalho foi desenvolvido a partir das vivências no Projeto Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Federal de Pelotas, no curso de Artes Visuais e tem como objetivo utilizar o Ensino de Artes como área de conhecimento para construção de identidades, outrossim, discutir a aplicação das atividades realizadas na Escola Municipal de Ensino Fundamental Olavo Bilac, localizada no bairro Fragata, na cidade de Pelotas/RS. O grupo formado por Pâmela Rodrigues Resende, Guilherme Monteiro da Silva, Bruno Machado Barcellos e Amandú Reis da Silva, é supervisionado pela professora de artes visuais Nauita Martins Meireles e coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lislaine Sirsi Cansi.

Para a elaboração dos planos de aula, utilizamos como referência o livro “Em defesa da escola: Uma questão pública”, dos teóricos Jan Masschelein e Maarten Simons (2017), para pensar sobre o reconhecimento do ambiente escolar e perfil das turmas. Também utilizamos a obra de Paulo Freire (1968), enquanto abordagem metodológica e desenvolvimento de uma prática que perceba o aluno como referência para o contexto de sua produção artística, e por fim, o livro “Transgressão e mudança na educação: Os projetos de trabalho”, do teórico Fernando Hernandez (1998), que trata sobre processos de ensino, aprendizagem e métodos avaliativos.

A proposição pedagógica e artística se desdobrou com as obras do artista Uéslei Fagundes exibidas na exposição intitulada Pintura: Permeabilidades Imaginativas do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo na cidade de Pelotas/RS. As obras apresentadas serviram como referencial conceitual e estético. A fundamentação dos objetivos, da discussão com os alunos e análise do processo individual/coletivo de sua obra levou em consideração a leitura de símbolos e criação de sentido, atravessadas pela cultura visual e sua influência na formação de identidade, como é proposto por Stuart Hall (2016) no livro Cultura e Representação.

### **2. ATIVIDADES REALIZADAS**

Durante as duas primeiras semanas de atuação na escola, o grupo acompanhado da supervisora, professora regente, pôde observar as práticas

docentes utilizadas, o perfil das turmas e os aspectos do ambiente escolar. Posteriormente, essas impressões foram levadas e discutidas nas reuniões semanais do PIBID - Núcleo 2, a fim de entender as habilidades, dificuldades e necessidades de cada turma. Com o auxílio da supervisora mapeamos quais foram as atividades trabalhadas no trimestre anterior, assim, partimos do que os alunos já conheciam para planejarmos práticas com materialidades que eles tiveram menos contato.

Pensando na faixa etária das turmas (6 a 8 anos), a temática escolhida observou os processos de desenvolvimento cognitivo e construção de identidade. Conforme proposto por SIMONS e MASSCHELEIN (2017), reconhecemos o ambiente escolar como suspensão do tempo/espço social, onde olhamos e discutimos criticamente a sociedade, a partir de uma perspectiva de fora, sem ignorar o seu poder transformador.

Dialogando com abordagem de HALL (2016), a construção de identidade é influenciada pela construção discursiva do meio em que se vive, seja ela linguística, visual ou cultural. Para os estudantes se reconhecerem dentro de um contexto social, utilizamos as obras do artista Uéslei Fagundes, pinturas a óleo sobre caixotes de feira, que retratavam paisagens do cotidiano Sul Rio grandense.

A construção dos planos de aula foi fundamentada em HERNANDEZ (1998) e FREIRE (1968), para auxílio nos processos de ensino e aprendizagem, em que o estudante é reconhecido como portador de saberes, protagonista do próprio processo de aprendizagem e produtor ativo de sentido, e o Documento Orientador Municipal (DOM) para aplicabilidade das habilidades (EF15AR01RS12PEL-1), (EF15AR02RS12PEL-1), (EF15AR04RS12PEL-1) e (EF15AR06RS12PEL-1) exigidas na grade curricular com base no grau de formação dos discentes. Dialogamos o nosso fazer docente por meio de poéticas de ensino lúdico, construindo um ambiente que incentive a livre experimentação, leitura e interpretação do mundo, um espaço tempo onde a subjetividade é estimulada.

Os planos de aula foram desenvolvidos com o primeiro e segundo ano do Ensino Fundamental, com uma média de 25 estudantes por turma. Tanto na turma A1A (primeiro ano) quanto na turma A2A (segundo ano) mostramos impressões no tamanho A4 de três pinturas do artista intituladas como “Não tá morto quem peleia” (2024), “Jesus é amor” (2024) e “Devagar/Escola” (2024). A seguir, discutimos o que os alunos percebiam. As obras consistem de cenas cotidianas como: Um senhor passeando com o seu cachorro na rua, um entregador dirigindo uma moto com a sua marcante bag do lfood, trabalhadores de uniforme e um cachorro vira-lata deitado em frente a um muro.

Durante essa primeira discussão, os estudantes relacionavam essas figuras com o que eles já viram ou vivenciaram. A fim de registrar o conteúdo apresentado, distribuimos folhas informativas com imagens das obras mostradas e o que foi discutido para os alunos colarem em seus cadernos.

Na proposição prática da turma A1A, cada aluno recebeu uma placa de madeira, com dimensões próximas à 15cm x 5cm, oriunda de caixotes de feira coletados pelos membros do grupo em mercados ou locais de descarte. Junto das placas, os alunos receberam pincéis e potinhos de tinta guache. A orientação foi que pintassem uma paisagem do cotidiano. Usamos de exemplo a rua de casa, o trajeto até a escola, a casa dos tios, casa dos avós, etc. Lugares que eles frequentavam. Para a prática na turma A2A, organizamos os alunos em quatro grupos, onde cada grupo recebeu um caixote de feira inteiro, pincéis e potes de

tinta guache. Orientamos os grupos para que dividissem os materiais entre si e pintassem cenas do cotidiano escolar.

Figura 1 (Esquerda) - Pintura em Placa de Madeira

Figura 2 (Direita) - Pintura em Caixote de Feira



(Fonte: Acervo Pessoal, 2025)

O primeiro ano se entusiasmou com o suporte, a madeira despertou interesse sensorial e a semelhança a materialidade usada pelo artista, considerando o costume da turma de pintar em papel, instigou os alunos durante as produções. Muitos se voltaram para o ambiente familiar, retratando suas casas, parentes e animais. As crianças, além de internalizar e reproduzir informação, atribuem e reinventam sentido (HALL, 2016), quando abordamos o tema, muitos não sabiam o que significava cotidiano, conversamos a partir da ideia de rotina e do dia-a-dia, como por exemplo, acordar todos os dias de manhã para ir para a escola ou almoçar em casa depois da escola. Dentro dessas experiências falamos sobre figuras de cuidado, usando como exemplo as pessoas que os levavam para a escola e que faziam a comida do almoço. Mesmo aqueles que não pintaram seus lares representaram memórias e vivências com a família, são indivíduos sensíveis em constante diálogo com os sujeitos e o meio que o cercam. A prática artística articulada a uma metodologia que valoriza o lúdico e a construção de um ambiente acolhedor, oportuniza ao aluno encontrar refúgio, não apenas para se expressar, mas é o momento onde ele conta sua história através do seu próprio ponto de vista (FREIRE, 1968).

O segundo ano sentiu dificuldade em construir a pintura dentro das superfícies irregulares e vazadas dos caixotes e a prática dentro da sala de aula não tornava o tema atrativo. Considerando a temática direcionada aos aspectos cotidianos do ambiente escolar, HALL (2016) esclarece que a percepção se constitui de experiências sensíveis e as memórias, na infância, podem não ser suficientes na construção de significado. Na segunda aula, caminhamos pela escola com os alunos enquanto conversávamos sobre os diversos espaços que eles ocupavam e em quais momentos aconteciam. Demos continuidade às

pinturas em um espaço fora da sala de aula onde os alunos puderam ficar ao sol em contato com a natureza e se movimentar livremente pelo espaço, proporcionando uma experiência que os ajudou na construção de sentido para a atividade e na identificação dos espaços de conforto dentro da escola (FREIRE, 1968).

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A turma A1A ficou limitada ao tamanho do suporte oferecido, o que restringiu a pintura, levando em consideração a habilidade motora fina ainda em desenvolvimento. Porém, isso não os impediu de contextualizar o cotidiano que viviam e construir suas narrativas. Para melhor desenvolvimento de futuras práticas, é importante olharmos para as habilidades motoras apresentadas pela turma e optarmos por suportes maiores, onde eles possam explorar a movimentação corporal.

A turma A2A apresentou resistência em compartilhar os materiais, dificuldade na apreensão do tema e conflitos. Quando retomamos a prática ao ar livre, percebemos que os estudantes obtiveram melhores referências da escola, além de proporcionar maior conforto a movimentação dos corpos. Os estudantes discutiram menos entre si e respondiam melhor aos nossos incentivos para compartilharem o material e tomarem decisões em coletivo. Acreditamos que para um melhor desenvolvimento de futuras atividades, com temática focada no ambiente escolar, propor caminhadas reflexivas onde os alunos tenham a oportunidade de percorrer e interagir com o espaço.

Valorizamos a importância de um planejamento contínuo de aula, para que ao longo do ano seja construída uma estrutura de saberes e práticas que dialoguem com as vivências dos estudantes a partir da arte, possibilitando discussão, aprofundamento e retomada dos temas abordados.

Enfatizamos a importância de aproximar os conteúdos da realidade dos estudantes utilizando artistas regionais, ampliando o repertório visual, produzindo identificação e reconhecendo a arte como condutora de vivências, experiências e produção de conhecimento.

### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HERNANDEZ, F. H. **Transgressão e mudança na educação: Os projetos de trabalho**. Porto Alegre, RS: ARTMED, 1998.

FREIRE, P. F. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo, SP: PAZ E TERRA LTDA, 1968.

MASSCHELEIN, J. M. SIMONS, M. S. **Em defesa da escola: Uma questão pública**. Belo Horizonte, MG: AUTÊNTICA, 2017.

HALL, S. H. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro, RJ: PUC-Rio, 2016.